

PERCEPÇÃO DE MULHERES ACERCA DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ÁLCOOL E DROGAS: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO¹

THE PERCEPTION OF SOME WOMEN ABOUT A PSYCHOSOCIAL CARE CENTER ON ALCOHOL AND DRUGS: A REPORT ON AN INTERVENTION

**Marta Cristina Schuch², Taís Tasqueto Tassinari³, Larissa Goya Pierry⁴,
Valquiria Toledo Souto⁵, Keity Laís Siepmann Soccol⁶ e Marlene Gomes Terra⁷**

RESUMO

O uso de drogas por mulheres vem crescendo progressivamente, o que demonstra haver a necessidade de investigar mais essa problemática. Trata-se de um relato de experiência cujo objetivo é descrever uma intervenção realizada junto a mulheres usuárias de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD), mediante uma roda de conversa, por profissionais da Residência Multiprofissional em Saúde Mental, acerca da percepção que as mulheres possuem sobre o CAPS AD. Essa intervenção discorreu sobre os resultados de uma pesquisa de campo, os quais apontaram que as mulheres consideram esse serviço como o principal dispositivo de cuidado acessado por elas, embora reconheçam que ele precisa ser mais divulgado e direcionado ao público feminino. Ainda, referem que o estigma existente sobre o usuário de drogas é um dos fatores limitadores para acessarem o serviço. Conclui-se, então, que esse serviço assume um importante papel enquanto estratégia de cuidado, constituindo-se como um local acolhedor que proporciona espaço de tratamento e troca de experiências, além de possuir um atendimento humanizado e sensível às demandas apresentadas. Por fim, a experiência junto às mulheres possibilitou compreender a necessidade de ampliação de serviços voltados às usuárias de drogas em diferentes espaços, com vistas a exercer o cuidado de acordo com o seu contexto de vida.

Palavras-chave: saúde mental, serviços de saúde mental, transtornos relacionados ao uso de substâncias.

ABSTRACT

The use of drugs by women has been increasing progressively, which shows that there is a need to investigate this problem further. This experience report describes an intervention performed with women who are seen at a Psychosocial Alcohol and Drug Attention Center (CAPS AD). By means of a conversation group with the presence of professionals of the Multiprofessional Residency in Mental Health, it was possible to notice these women's perception on CAPS AD. The women consider this service as the main care device accessed by them, although they recognize that it needs to be more publicized and directed to the female public. Moreover, they

¹ Trabalho de Conclusão de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde.

² Assistente social. Aluna da Especialização em Saúde Mental no Sistema Público de Saúde no Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde - Universidade Federal de Santa Maria (PRMIS/UFSM). E-mail: marta.c.schuch@gmail.com

³ Coautora. Enfermeira. Aluna do Mestrado em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem - Universidade Federal de Santa Maria (PPGENF/UFSM). E-mail: taistasquetotassinari@gmail.com

⁴ Coautora. Psicóloga. Aluna da Especialização em Saúde Mental no Sistema Público de Saúde pelo PRMIS/UFSM. E-mail: larissapierry@hotmail.com

⁵ Colaboradora. Enfermeira. Aluna do Doutorado em Enfermagem pelo PPGENF/UFSM. E-mail: valquiriatoledo@gmail.com

⁶ Coorientadora. Docente do curso de Enfermagem - Universidade Franciscana (UFN). E-mail: keity.soccol@ufn.edu.br

⁷ Orientadora. Professora do PPGENF/UFSM. E-mail: martesm@hotmail.com.br

mentioned that the existing stigma on the drug user is one of the limiting factors for accessing the service. It is concluded, therefore, that this service assumes an important role as a care strategy, constituting a welcoming place that provides space for treatment and exchange of experiences, besides, it has a humanized service that is sensitive to the demands presented. Finally, the experience with these women made it possible to understand the need to expand such services aimed at drug users in different spaces, in order to exercise care according to their life context.

Keywords: *mental health, mental health services, substance use disorders.*

INTRODUÇÃO

Uma preocupação recente que vem acometendo a sociedade e os profissionais da área da saúde é o uso de drogas, o qual aumentou progressivamente nos últimos anos. Nesse sentido, observa-se um crescimento do número de pessoas que usam e abusam de drogas, em especial, um aumento no padrão de consumo de álcool entre as mulheres, o que aponta para um risco elevado para a dependência (BASTOS; BERTONI, 2014). O mesmo ocorre com o uso de outras drogas, pois as mulheres têm consumido cada vez mais outras substâncias (BRASIL, 2009). Por essa razão, o uso de drogas por mulheres vem sendo investigado progressivamente devido aos efeitos negativos para a saúde e às questões psicossociais que envolvem o consumo (ESPER et al., 2013).

Ressalta-se que diversos são os motivos que fazem com que as mulheres usem drogas, dentre eles estão as situações vivenciadas ao longo de suas vidas, tais como as dificuldades nas relações sociais, reveladas pela falta de afetividade e de vínculos, as perdas, as agressões que sofreram e as dificuldades financeiras. Além disso, o início do uso de drogas ocorre devido às influências sociais exercidas pela família, pelos companheiros ou pelos amigos (SOCCOL et al., 2018).

Frente ao crescente número de usuários e à necessidade de atenção à saúde das pessoas que usam drogas, foram criados os Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas (CAPS AD). Os CAPS AD prestam assistência às pessoas que estão em sofrimento psíquico decorrente do uso de álcool e outras drogas, bem como possibilitam a redução de danos e favorecem a diminuição das internações psiquiátricas. Ainda, tem como objetivo a reinserção dos usuários na sociedade por meio de uma articulação com a rede de serviços (RIBEIRO et al., 2016).

Um estudo desenvolvido em um CAPS AD evidenciou que as mulheres que estão em tratamento iniciam o uso de drogas precocemente, antes dos 18 anos, e que a maioria dessas são usuárias de múltiplas drogas. Ainda, demonstrou que essas mulheres estão na faixa etária dos 30 aos 49 anos, são solteiras, têm pelo menos um filho, possuem baixa escolaridade e a maioria não trabalha (TASSINARI et al., 2018).

A inserção de mulheres usuárias de drogas nos serviços ainda é um desafio, uma vez que a implementação de políticas preventivas e assistenciais que considerem aspectos singulares de gênero não avançou em consonância com o aumento de mulheres usuárias de drogas (ALBUQUERQUE;

NÓBREGA, 2016). Dessa forma, é necessário pensar em estratégias de cuidado que priorizem as especificidades do público feminino, instigando seu protagonismo na construção de alternativas de cuidado e de (re)inserção social.

A articulação entre gênero e o uso de drogas requer compreensão das complexidades que perpassam o universo feminino, de modo que voltar o olhar para a especificidade do gênero propicia o reconhecimento de suas singularidades, das relações de poder historicamente construídas, bem como das relações estabelecidas com as drogas, com os padrões de consumo, entre outros (BOLZAN; BELLINI, 2015). Desse modo, há a necessidade de desenvolvimento de mais estudos que relacionem o uso de drogas com as questões de gênero para que seja possível compreender, em profundidade, as particularidades das mulheres usuárias e ampliar as formas de intervenção para as mulheres nos serviços, reduzindo, assim, a vulnerabilidade dessa população (TASSINARI et al., 2018).

É relevante destacar que, nesse cenário, as mulheres sofrem duplo estigma, tanto pela questão de gênero, quanto pelo uso de drogas, de forma que a sociedade passa a pressupô-la como não cumpridora com o seu papel social em relação à maternidade e ao casamento, deixando-as expostas a julgamentos morais (BOLZAN; BELLINI, 2015). Assim, o sofrimento da mulher é intensificado, pois além de ser julgada pela sociedade, por vezes, acaba adotando uma postura de culpabilização por sua condição, sendo influenciada por questões morais construídas com relação ao comportamento feminino.

No que tange à saúde da mulher usuária de drogas, torna-se essencial compreender o processo de saúde/doença com um olhar ampliado, considerando a sua inserção na sociedade, em suas relações sociais, bem como é preciso ser sensível para perceber as desigualdades de gênero presentes nessas relações (SOUZA; OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2014). Em vista disso, é importante que sejam trabalhadas junto às mulheres questões referentes a violência, maternidade, culpabilização pelo uso de drogas, valorização e cuidado de si mesma, entre outras específicas ao público feminino. O conhecimento das necessidades e especificidades das mulheres possibilita o planejamento de ações individualizadas que potencializam melhores resultados no seu tratamento (ALBUQUERQUE; NÓBREGA, 2016).

Nessa perspectiva de aproximação às percepções e às necessidades de mulheres usuárias de drogas que realizam tratamento em um CAPS AD, delimitou-se como objetivo relatar uma intervenção, realizada por meio de uma roda de conversa, junto a mulheres usuárias de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD), por profissionais da Residência Multiprofissional em Saúde Mental, acerca da percepção que as mulheres possuem sobre o CAPS AD.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência realizado a partir de uma intervenção junto a mulheres usuárias de um CAPS AD, a qual foi desenvolvida por três residentes, sendo uma assistente social, uma psicóloga e uma enfermeira, todas integrantes de um Programa de Residência Multiprofissional em Saúde.

A intervenção foi baseada na análise de resultados de uma pesquisa de campo anteriormente realizada pelas residentes com mulheres usuárias de drogas vinculadas ao CAPS AD. Essa pesquisa compreendeu, inicialmente, dois momentos: o primeiro foi uma pesquisa qualitativa com entrevistas para conhecer a percepção das usuárias sobre o CAPS AD; o segundo momento contemplou uma intervenção realizada a partir da análise dos dados da pesquisa qualitativa. A partir dos resultados emergidos foi proposta às participantes da pesquisa a realização de uma intervenção, para a socialização dos resultados da pesquisa de campo, em que, mediante uma roda de conversa, foi possível refletir e discutir acerca das percepções das mulheres sobre o CAPS AD.

A intervenção foi desenvolvida em uma roda de conversa em um único encontro no mês de outubro de 2017, em um espaço disponibilizado pelo CAPS AD, com duração de aproximadamente duas horas. Foram convidadas as 14 (quatorze) mulheres que participaram das entrevistas do primeiro momento, anteriormente realizadas, mas apenas 5 (cinco) participaram.

Durante a roda de conversa foram abordados quatro temas, oriundos da pesquisa de campo, quais sejam: acesso ao atendimento multiprofissional; o CAPS AD como um espaço de escuta; a dificuldade de desvinculação do CAPS AD e as limitações para acessar o CAPS. A estratégia da roda de conversa ao discutir esses temas possibilitou que as mulheres pudessem ter um espaço para discutir e manifestar suas crenças, valores, sentimentos e ideias.

As rodas de conversas constituem-se como um espaço de cuidado em que se busca a promoção da saúde por meio do diálogo e da reflexão, reconhecendo o sujeito em sua integralidade, privilegiando a escuta sensível e levando em consideração a sua complexidade. Essa modalidade de intervenção atua como facilitador do trabalho em saúde mental (COSTA et al., 2015). É um processo em que as pessoas desenvolvem suas capacidades de compreensão relacionadas a si mesmas, aos outros e aos diferentes contextos, aumentando a capacidade de agir (CAMPOS et al., 2014).

Para a elaboração desse relato de experiência e, durante a realização da intervenção junto às mulheres, foram respeitados os aspectos éticos em conformidade com a Resolução Nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). O projeto matricial foi submetido à apreciação de Comitê de Ética em Pesquisa, com aprovação em 16/03/2017, com o CAAE Nº 65195917.5.0000.5346 e o Parecer sob o nº 1.967.683.

RESULTADOS

Ao realizar a roda de conversa, com o intento de fazer a socialização dos resultados da pesquisa de campo, inicialmente as residentes apresentaram-nos organizando-os em quatro temas. Desse modo, no primeiro momento, com a mediação das residentes, ocorreu a discussão do tema **acesso ao atendimento multiprofissional**. Assim, as mulheres relataram que o CAPS AD é composto por profissionais de diversas áreas, o que representa para elas maior possibilidade de receber um atendimento

ampliado de acordo com suas necessidades. Ainda, entendem que esse serviço facilita o acesso ao atendimento multiprofissional, já que os diferentes profissionais atuam no mesmo espaço.

Ademais, as usuárias referiram que é importante a realização de atendimentos e encaminhamentos para outras especialidades médicas que não há no CAPS AD, bem como relataram que esse serviço supre algumas das necessidades que não são possíveis de serem sanadas nas Unidades Básicas de Saúde.

Embora as participantes considerem todos os profissionais da equipe multiprofissional importantes, observa-se maior destaque para consulta médica com psiquiatra e para o atendimento psicológico, pois, para elas são esses os profissionais que podem auxiliá-las a reduzir a ansiedade e a compulsão, além de fornecer suporte por meio de tratamento medicamentoso.

Na perspectiva das mulheres, elas sentem-se acolhidas por todos que compõem a equipe multiprofissional do CAPS AD e afirmam que não se sentem julgadas, situação essa diferente da vivenciada nos demais serviços, em que, segundo disseram, sentem-se julgadas por profissionais da saúde, em outros serviços, por serem usuárias de álcool e/ou outras drogas, como se na condição de ser mulher fosse “feio” serem usuárias, enquanto que nos homens é algo visto como normal, havendo, desse modo, distinções no julgamento sobre o consumo de drogas de acordo com o gênero. Além disso, as usuárias referiram que, em outros serviços, são mal vistas porque não estariam cumprindo o seu papel social de ser mãe e de ser esposa, conforme o esperado pela sociedade. Essa situação reforça o estigma e o preconceito que envolve o ser mulher usuária de álcool e/ou drogas.

Para a melhoria da qualidade do trabalho da equipe multiprofissional, elas sugerem que a equipe realize um trabalho mais articulado com a família, orientando-a e esclarecendo aos familiares a dinâmica da dependência química e suas repercussões na vida da mulher.

Outra demanda levantada pelas mulheres é a necessidade de uma abordagem profissional que as estimulem a se envolver em outras atividades e grupos terapêuticos ofertados pelo serviço, bem como, a divulgarem a importância desse serviço para que outras mulheres, que ainda não frequentam, saibam onde procurar ajuda.

O segundo tema discutido foi o **CAPS AD como um espaço de escuta**. Em relação a esse tema, as mulheres mencionam que o serviço desempenha um papel fundamental em suas vidas, tanto pelo cuidado ofertado pela equipe multiprofissional, quanto pelo contato e identificação com outros usuários que vivem situações semelhantes às suas.

Inicialmente, o CAPS AD representa para as mulheres um refúgio, mas, a partir do momento em que compreendem a dinâmica do serviço, passam a considerá-lo como um importante espaço de escuta e de apoio onde se sentem acolhidas, já que é nesse ambiente que elas identificam, na história de outras pessoas, situações semelhantes àquelas vivenciadas por elas. Esse compartilhamento de experiências contribui no sentido de que as mulheres sentem-se ouvidas e têm o sentimento de que não estão sozinhas no enfrentamento da dependência química. Ressalta-se que, por vezes, esse é o único espaço onde elas sentem-se ouvidas e acolhidas.

Além disso, as mulheres expressaram que há a necessidade da equipe incentivar a autoestima e a valorização de si, reforçando a ideia que todas as perdas que essas tiveram em suas vidas podem ser retomadas.

Quanto ao tema **dificuldade de desvinculação do CAPS AD**, a discussão abordou a dificuldade da inserção das mulheres em outros dispositivos de cuidado no território. Observou-se o desconhecimento por parte de algumas usuárias sobre a existência e oferta de alternativas complementares ou substitutivas para o tratamento da dependência química, como grupos operativos na comunidade, atividades de lazer, entre outras.

Ainda sobre essa temática, as mulheres citam como alternativas para a desvinculação do CAPS AD a importância da oferta de serviços que possam fortalecer a espiritualidade, de grupos de apoio e de convivência no território em que residem. Para elas, os grupos são uma importante ferramenta para sua recuperação, na medida em que proporcionam o convívio com outras mulheres e estimulam a sua reinserção social, já que o isolamento pode levar a uma recaída. Ainda, relatam a importância de frequentar grupos como os Alcoólicos Anônimos (AA) e Narcóticos Anônimos (NA) como um apoio extra ao CAPS AD.

Quanto às **limitações para acessar o CAPS AD**, as mulheres relatam a falta de divulgação desse serviço como sendo um obstáculo para o início do tratamento e sugerem que o CAPS AD seja amplamente divulgado nos meios de comunicação e em escolas para facilitar o acesso.

Como limitação, citam o preconceito que possuem acerca de si mesmas por necessitarem desse serviço, pois, para elas, frequentar o CAPS AD causa constrangimento diante de familiares e da sociedade.

Tendo em vista que o abuso de drogas leva à perda do apoio familiar e à ruptura de relações sociais, é ocasionado o sentimento de culpa. Assim, as mulheres sugerem que os profissionais do CAPS AD orientem os seus familiares, porque, em alguns momentos, sentem a necessidade de acompanhamento e não têm essa reciprocidade, pois, na maioria das vezes, ninguém quer acompanhá-las.

Outro fator limitante está relacionado ao fato de que o serviço tem como público majoritário os usuários do sexo masculino, sendo estes os que mais participam de determinadas atividades, o que gera desconforto na busca pelo tratamento.

Ao final da discussão e da reflexão dos temas, foi proposta uma avaliação da intervenção, considerada um momento positivo, que proporcionou a elas a possibilidade de expor suas opiniões e contribuiu no processo de reflexão e escuta.

DISCUSSÃO

Tendo em vista o contexto do uso de drogas e os estigmas que o perpassam, a realização da roda de conversa possibilitou identificar pontos positivos relacionados ao atendimento multiprofissional, bem como apontou potencialidades e fragilidades da rede de atenção psicossocial.

Entre os fatores positivos apontados durante a roda de conversa, estão o atendimento multiprofissional prestado pelo CAPS AD e as contribuições desse serviço para o tratamento das usuárias. Isso vai ao encontro de um estudo desenvolvido por Soccol et al. (2018) em que afirma que é essencial que a equipe multiprofissional atenda às necessidades de saúde das mulheres de modo integrado. Nesse sentido, por meio de um planejamento conjunto, é possível promover o rompimento de costumes por elas aprendidos, a aceitação do uso e abuso, discutindo o seu contexto e a sua história de vida, bem como é possível estimular as mulheres a refletirem e a agirem de modo a enfrentarem o rompimento do abuso de substâncias.

Diante disso, percebe-se a necessidade de fortalecer a rede de atenção em saúde mental, visando repensar estratégias e dispositivos de cuidado compartilhados e territorializados, levando em consideração o contexto econômico, social e cultural, bem como se observa a necessidade de sensibilizar os gestores com vistas a completar e ampliar as equipes de saúde, conforme indicado na legislação, para que as ações possam ser concretizadas.

No contexto neoliberal, organizado a partir do modo de produção capitalista, os serviços públicos vêm sofrendo com o impacto da fragilidade das políticas públicas e precarização do trabalho, o que incide diretamente no acesso a esses serviços pelos usuários. Nesse cenário apresentam-se diferentes desafios, seja na execução das políticas sociais públicas, seja na concretização dos princípios do Sistema Único de Saúde, o qual concebe a saúde enquanto direito universal. Assim, a retirada de direitos e a desresponsabilização do Estado frente à garantia de direitos incide diretamente na política de saúde mental (SILVA; MOURA, 2015).

A partir da roda de conversa realizada reafirma-se a importância de fortalecer a política de saúde, bem como de unir forças diante dos desafios postos a ela, pois, conforme já apresentado, o CAPS AD é considerado pelas mulheres como o principal dispositivo de cuidado acessado na rede de atenção à saúde.

Desse modo, tem-se que é preciso intervir junto ao modelo de atenção à saúde mental das mulheres, com vistas a um atendimento mais humanizado, de forma que a integralidade e as questões de gênero sejam incluídas na formação de profissionais que trabalham com essa população, facilitando a compreensão das suas necessidades ao buscarem atendimento em serviços de saúde mental (BRASIL, 2004).

A assistência a usuários de drogas deve ser prestada nos diferentes níveis de atenção, priorizando o cuidado por meio de dispositivos extra-hospitalares, como os CAPS AD, necessitando estar incluída na atuação da rede básica de saúde (BRASIL, 2003). No entanto, observa-se que o acesso preferencial tem sido os CAPS AD, o que gera uma demanda maior a esse serviço. Ainda, há a fragilidade da atenção em outros pontos da rede fazendo com que a assistência fique vulnerável no que tange às ações de promoção e de prevenção do uso de álcool e de outras drogas na área de abrangência do território em que essas mulheres residem.

É necessário, então, um olhar para outras questões que dificultam o acesso dessas mulheres ao serviço, tais como a preocupação com o estigma por parte da família e dos profissionais, o medo de perder a guarda dos filhos, a vergonha, a culpa e o não reconhecimento do problema ocasionado pelo uso da droga. Deste modo, torna-se necessário pensar os serviços de forma que possam dar conta das necessidades do público feminino, público este que muitas vezes não acessa os serviços especializados por motivo de desconhecimento ou falta de divulgação (ALBUQUERQUE; NÓBREGA, 2016).

Mesmo com políticas públicas e legislações voltadas a usuários de álcool e outras drogas, ainda é marcante o preconceito em relação a eles e, em especial, às mulheres, pois não é este o comportamento que lhes foi atribuído cultural e socialmente. Essa condição imposta a elas faz com que se culpem por usar drogas, o que contribui ainda mais para o seu adoecimento mental, o que gera até mesmo uma limitação na busca por atendimento.

O uso de drogas sempre esteve presente em diferentes contextos históricos e culturais da humanidade, possuindo distintas conotações e simbologias. Portanto, o consumo pelas mulheres não se restringe à atualidade e, mesmo assim, é pouco citado em relatos históricos, contribuindo para que o consumo de drogas por mulheres fique oculto, sendo o uso associado como algo restrito ao masculino (BOLZAN; BELLINI, 2015).

Cabe lembrar que historicamente o uso de drogas tem sido visto sob a ótica do julgamento moral e da patologização. Esse tema, mesmo após os avanços da Reforma Psiquiátrica, é tratado de forma coercitiva, a partir de uma visão estigmatizante dos usuários. Isto é, excluem-se todos os outros determinantes psicológicos, sociais e históricos que constituem o sujeito em sua integralidade e que perpassam o uso, valorizando-se apenas uma visão biológica e determinista (BRASIL, 2003).

A busca somente pelo atendimento médico e psicológico é um resultado dessa visão biológica e determinista. Nesse sentido, é importante discutir isso com as mulheres para que se possa romper com esses hábitos construídos socialmente e apontar a importância dos demais profissionais como parte desse processo de reabilitação e de reinserção social. Há, portanto, a necessidade de desconstrução dessa concepção disseminada e centrada no atendimento médico.

Apesar do aumento no número de mulheres usuárias de drogas, a maioria dos estudos ainda considera esse fenômeno a partir do ponto de vista masculino, o que acentua uma fragilidade na construção de políticas públicas e de ações de promoção e prevenção à saúde por parte do Estado (ALVES; ROSA, 2016).

É imprescindível trabalhar fatores de proteção junto às usuárias e aos familiares, conforme prevê a Política Nacional para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas (BRASIL, 2003), bem como instigar ações intersetoriais preventivas e educativas, com vistas a diminuir os estigmas relacionados aos usuários de drogas, em especial às mulheres.

Percebe-se ainda a importância de investir em ações que contribuam no fortalecimento de vínculos sociais e familiares das mulheres, já que o CAPS AD tem como objetivo fortalecer a inserção

social e prestar assistência também aos familiares, sobretudo porque a família necessita ser vista como uma parceira e corresponsável nesse processo de reabilitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse relato de experiência, cujo objetivo foi relatar uma intervenção que ocorreu por meio de uma roda de conversa, evidenciou que as mulheres usuárias de um CAPS AD percebem esse serviço como sendo uma possibilidade de acesso ao atendimento multiprofissional e, ao mesmo tempo, é um espaço de escuta. No entanto, as usuárias apresentam uma dificuldade de desvinculação e limitações para acessá-lo.

A estratégia da roda de conversa para socialização dos resultados da pesquisa de campo permitiu que as mulheres tivessem um espaço para discutir e manifestar suas crenças, valores, sentimentos e ideias.

Ainda, a intervenção proporcionou um espaço de reflexão tanto para as mulheres participantes quanto para as residentes e possibilitou identificar como as mulheres percebem o CAPS AD enquanto estratégia de cuidado, propiciando um espaço de discussão e de sugestões acerca do atendimento ao público feminino.

Além disso, permitiu às mulheres expressarem-se sobre o preconceito que sofrem por serem usuárias de álcool e/ou outras drogas nos demais serviços de saúde. Isso aponta para a necessidade de trabalhar questões de gênero com os profissionais de saúde em outros serviços e espaços sociais, desmistificando e rompendo com o preconceito e estigma social.

A partir dessa intervenção também foi possível perceber a fragilidade da rede de atenção à saúde no município em que este serviço está inserido, em especial no que se refere às ações de promoção e de prevenção ao uso de álcool e outras drogas voltadas a este público que, por vezes, encontra dificuldades para acessar outros serviços.

Ademais, constatou-se a necessidade de atividades junto ao território de abrangência do CAPS AD, como grupos de convivência e atividades de lazer junto aos demais usuários, objetivando a (re) inserção social e o compartilhamento de experiências. Embora seja previsto o desenvolvimento de ações pelo CAPS AD em seus territórios, a realidade desse serviço de saúde acaba inviabilizando tais ações, pois não conta com recursos humanos nem com materiais suficientes.

Apesar de não ter sido possível a presença de todas as participantes da pesquisa, acredita-se que esses resultados podem ser difundidos, por meio do diálogo, para aquelas que estiveram presentes.

Como limitação do estudo tem-se a não participação de algumas mulheres por estarem vivenciando a recaída, por não se sentirem à vontade para participar de atividades grupais, pela dificuldade de contato e de locomoção para ir até o serviço ou pela mudança de telefone e de endereço, o que impossibilitou a comunicação. Além disso, o fator de que, por vezes, o CAPS é acessado somente como um serviço destinado a consultas e de que as mulheres, muitas vezes, são cuidadoras de outros familiares podem ser as causas que impossibilitaram a participação delas no estudo.

Por fim, cabe ressaltar como aspecto positivo o vínculo estabelecido com as mulheres usuárias no decorrer do tempo, que foi proporcionado pelo fato de fazer a Residência Multiprofissional nesse serviço. O estabelecimento de vínculo e de confiança devido ao convívio permitiu que as mulheres se sentissem à vontade para discutir os diversos temas incluindo, inclusive, sugestões de possíveis melhorias na qualidade de atendimento, acolhimento e prestação de serviço no CAPS.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C. S.; NÓBREGA, M. P. S. S. Barreiras e facilidades encontradas por mulheres usuárias de substâncias psicoativas na busca por tratamento especializado. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.*, v. 12, n. 1, p. 22-29, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/mPjKqi>>. Acesso em: 27 out. 2018.

ALVES, T. M.; ROSA, L. C. S. Uso de substâncias psicoativas por mulheres: a importância de uma perspectiva de gênero. *Estudos Feministas*, v. 24, n. 2, p. 292, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/ERUpki>>. Acesso em: 27 out. 2018.

BASTOS, F. I.; BERTONI, N. (Organizadores). **Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?**. Rio de Janeiro: ICICT/FIOCRUZ, 2014.

BOLZAN, L. M.; BELLINI, I. B. **Gênero e uso de drogas: fatores preponderantes ao universo feminino**. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS, Londrina PR, de 09 a 12 de junho de 2015. *Anais*. Londrina, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/vnM4hp>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Relatório brasileiro sobre drogas**. IME USP. Organizadores Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Vladimir de Andrade Stempluk e Lúcia Pereira Barroso. Brasília: SENAD, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012. Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. [Internet]. **Diário Oficial da União**, nº 112, Seção 1, Brasília, 13 de junho de 2012. p. 59-62. Disponível em: <<https://goo.gl/qXedt7>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

CAMPOS, G. W. S. et al. A aplicação da metodologia Paideia no apoio institucional, no apoio matricial e na clínica ampliada. **Interface Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, Supl 1, p. 983-989, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/znSpsU>>. Acesso em: 27 out. 2018.

COSTA, R. R. O. et al. AS Rodas de Conversa como Espaço de Cuidado e Promoção da Saúde Mental. **Rev. de Atenção à Saúde**, v. 13, n. 43, p. 30-6, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/YTNpWb>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

ESPER, L. H. et al. Women in outpatient treatment for alcohol abuse: sociodemographic and clinical characteristics. **Rev Gaúcha Enferm.**, v. 34, n. 2, p. 93-101, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/Xv5EgH>>. Acesso em: 27 out. 2018.

RIBEIRO, D. B et al. Motivos da tentativa de suicídio expressos por homens usuários de álcool e outras drogas. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 37, n. 1, e54896, p. 1-7, 2016. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/66z7gp>>. Acesso em: 27 out. 2018.

SILVA, E. S.; MOURA, V. G. G. Crise Capitalista e Política de Saúde Pública: tendências atuais pertinentes à saúde mental brasileira. **R. Pol. Públ.**, v. 19, n. 1, p. 103-115, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/Nm9Qpy>>. Acesso em: 27 out. 2018.

SOCOL, K. L. S. et al. Motivos do abuso de substâncias psicoativas por mulheres assistidas em Centro de Atenção Psicossocial. **Rev Gaúcha Enferm.**, v. 39, e.20170281, p. 1-7, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/bqWjow>>. Acesso em: 27 out. 2018.

SOUZA, M. R. R.; OLIVEIRA, J. F.; NASCIMENTO, E. R. A Saúde de Mulheres e o Fenômeno das Drogas em Revistas Brasileiras. **Texto Contexto Enferm**, v. 23, n. 1, p. 92-100, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/98YZJL>>. Acesso em: 27 out. 2018.

TASSINARI, T.T. et al. Caracterização de mulheres em tratamento devido ao uso de drogas. **Rev enferm UFPE on line**, v. 12, n. 12, p. 3344-51, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/7DCuFr>>. Acesso: 24 dez. 2018.